



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE BIBLIOTECONOMIA
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

DINARA BATISTA DOS ANJOS

ANÁLISE DA ESTRUTURA CURRICULAR DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA DA
UFRN COM VISTAS A INCLUSÃO DIGITAL

NATAL-RN
2011.2

DINARA BATISTA DOS ANJOS

ANÁLISE DA ESTRUTURA CURRICULAR DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA DA
UFRN COM VISTAS A INCLUSÃO DIGITAL

Monografia apresentada ao Curso de Biblioteconomia do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a orientação da Prof.^a Msc. Jacqueline Aparecida de Souza, como requisito parcial para a conclusão do Curso.

NATAL-RN
2011.2

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Anjos, Dinara Batista dos.

Análise da estrutura curricular do curso de Biblioteconomia da UFRN
com vistas a inclusão digital / Dinara Batista dos Anjos. – 2011.

42 f.: il.

Monografia (Bacharel em Biblioteconomia) – Universidade Federal do
Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Sociais e Aplicadas.
Departamento de Biblioteconomia, Natal, 2011.

Orientadora: Profª. Msc. Jaqueline Aparecida de Souza.

1. Inclusão digital. 2. Escolas de biblioteconomia - Natal (RN) –
Currículo. 3. Internet. I. Souza, Jaqueline Aparecida de. II. Universidade
Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.

RN/BSE-CCHLA

CDU 02-004.252

DINARA BATISTA DOS ANJOS

ANÁLISE DA ESTRUTURA CURRICULAR DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA DA
UFRN COM VISTAS A INCLUSÃO DIGITAL

Monografia apresentada ao Curso de Biblioteconomia do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a orientação da Prof.^a Msc. Jacqueline Aparecida de Souza, como requisito parcial para a conclusão de Curso.

MONOGRAFIA APROVADA EM ___/___/2011.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Msc. Jacqueline Aparecida de Souza
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE - UFRN
(Orientadora)

Prof. Msc. André Anderson Felipe Cavalcanti
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE - UFRN
(Membro)

Prof.^a Msc. Mônica Marques de Carvalho
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE - UFRN
(Membro)

AGRADECIMENTOS

Agradecer torna-se difícil quando, ao avaliar o que passou se constata que muitas e muitas pessoas são especiais em minhas conquistas e fundamentais ao meu crescimento, entretanto, algumas merecem meu grifo nessa oportunidade...

Especialmente a Deus que me conduziu e me possibilitou superar os desafios que se colocaram diante de minha caminhada, permitindo que eu alcançasse este momento de realização profissional e pessoal;

Ao Professor José Ribamar Segundo dos Anjos (meu pai) e a Professora Dinorá Maria Batista Pereira (minha mãe) pela presença marcante em toda a minha trajetória na UFRN e, principalmente, pelo exemplo de profissionalismo, competência e humanidade;

A Professora Jaqueline Aparecida de Souza, mais que competente orientação na condução e desenvolvimento deste estudo, indicou-me uma nova maneira de ver o mundo;

A Milena de Macedo, Ively de Almeida e Margareth Furtado minhas chefes pela magnífica experiência compartilhada, que muito contribuíram para os meus primeiros passos nesta longa caminhada profissional e pessoal.

A Janilson Bertoldo de Brito, Nele Nelson, Gabriela, Ronnie e Manuela, gratas amizades nascidas no convívio acadêmico e que haverão de perdurar pela eternidade;

A Universidade Federal do Rio Grande do Norte, instituição pela qual tenho especial carinho e considero muito em meus planos, aos bons amigos aqui conquistados e também àqueles que me fizeram ver que, por vezes, é necessário que se nade contra a correnteza. Foi o que fiz com muita disposição. Obrigado!

DEDICATÓRIA

Se os agradecimentos não foram fáceis de definir, as dedicatórias, por sua vez, não partilham da mesma dificuldade. A vocês, todo o meu reconhecimento e amor...

A Deus dedico especialmente essa conquista;

A José Ribamar, Dinorá, Rinamara, Raoni e Tel minha preciosa família. Fonte de esperança, coragem, determinação, garra e de todas as mais nobres atitudes e sentimentos existentes em minha vida;

A Felipe Guimarães Leitão da Silva, com quem divido meus sonhos mais puros, pelo companheirismo e amor sempre tão presente na minha vida e em meus pensamentos;

Agradeço a todos os amigos da Biblioteca do CCHLA pela estima e respeito a mim dispensados com tanta doçura. Enfim, quem ler esta mensagem saberá que grande parte desta realização só foi possível devido à contribuição de cada um, pois sempre senti a energia positiva e as suas mãos me ajudando a adubar, plantar, semear e arar esta colheita. Por tudo isso, quando as “águas de março” chegarem trazendo a promessa de vida nos nossos corações, com imensa gratidão convido vocês para saborear comigo deste fruto. A todos, abraços apertados.

RESUMO

Discute a contribuição do bibliotecário para a inclusão digital, mostrando a importância dele como agente educador, levando conhecimento teórico e ações práticas para as pessoas, com o intuito de estimular a competência dos usuários no uso das novas tecnologias de informação para que tenha hábitos corretos. Neste sentido, o objetivo da pesquisa é analisar determinadas disciplinas da estrutura curricular do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) que auxiliam o bibliotecário a trabalhar com a inclusão digital. Assim, para alcançá-lo foi realizada uma pesquisa bibliográfica e uma análise documental. Também, apresenta o perfil do bibliotecário considerando-o como o profissional que dissemina a informação, acreditando que ele não pode ficar de fora dessas discussões. Também esses enquanto cidadãos e profissionais devem atuar nessa área, ajudando da melhor forma possível no processo de inclusão digital. Portanto, através das disciplinas analisadas do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte a área de Biblioteconomia verifica-se que é uma área de conhecimento que deve interligar-se à inclusão digital, que oferece em sua estrutura algumas disciplinas relacionadas, e, por conseguinte, o profissional/bibliotecário contribui para garantir o acesso universal e a igualdade social.

PALAVRAS- CHAVES: Inclusão digital. Novas Tecnologias da informação e comunicação (TIC's). Internet. Biblioteconomia (UFRN).

Abstract

Discusses the contribution of the librarian for digital inclusion, showing the importance of it as educator agent, leading theoretical knowledge and practical actions for people, in order to stimulate users' competence in using new information technologies. In this sense, the objective of the research is to analyze certain disciplines of the curriculum structure of the course Librarianship from Federal University of Rio Grande do Norte (UFRN) that help the librarian to work with digital inclusion. Thus, to achieve it was performed a literature search and document analysis. Also presents the profile of the librarian considering it as a professional who disseminates the information, believing that it can not stay out of these discussions. As citizens and professionals should work in this area, helping the best way possible in the process of digital inclusion. Therefore, the disciplines analyzed of the course Librarianship from Federal University of Rio Grande do Norte show that this area of knowledge must connect to the digital inclusion in your structure and offer some related disciplines for that the professional / librarian can to contribute and to ensure universal access and social equity.

KEYWORDS: Digital Inclusion. New information and communication technologies (ICTs). Library (UFRN).

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC's)	11
2.1 O USO DA INTERNET	13
3 INCLUSÃO DIGITAL	15
3.1 INCLUSÃO DIGITAL E O PROCESSO DE APRENDIZAGEM	17
3.1.1 Contribuições da inclusão digital na qualidade de vida das pessoas	18
3.2 CENÁRIO BRASILEIRO	20
4 O BIBLIOTECÁRIO NA REDE	25
4.1 COMO O BIBLIOTECÁRIO AUXILIA A BUSCA DA INFORMAÇÃO	27
4.1.1 Competências e habilidades do bibliotecário	30
5 CURRÍCULO DE BIBLIOTECONOMIA E A INCLUSÃO DIGITAL	32
5.1 O CURSO DE BIBLIOTECONOMIA DA UFRN	32
5.2 DISCIPLINAS RELACIONADAS ÀS TIC'S	37
5.3 DISCIPLINAS ANALISADAS	36
6 CONCLUSÃO	40
REFERÊNCIAS	42

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, há uma preocupação com relação às questões da inclusão digital. Tal inclusão está diretamente ligada à inclusão social, por promover a igualdade de oportunidades na sociedade da informação.

Diante disso, é importante ressaltar que uma parcela significativa da população, muitas vezes tem ficado de fora deste processo de inclusão digital, pessoas com deficiência, carentes e idosas, as quais acabam não tendo seus direitos de acesso à informação, esteja ela disponível por meio físico ou eletrônico, devido a falta de interesse e preparo dos responsáveis em disponibilizar tais informações.

Felizmente, os projetos de inclusão, vem crescendo nos últimos anos, o que está permitindo que muitos indivíduos tenham acesso a informação e, ao mesmo tempo, aumentem suas chances de inclusão social. Partindo desse contexto, é pertinente relacionar o trabalho do bibliotecário com a inclusão digital, mostrando que a Biblioteconomia é uma área de conhecimento que deve interligar-se à inclusão, por conseguinte, o profissional bibliotecário estará contribuindo com seu papel de mediador da informação com a inclusão digital de cidadãos e as relações de interação com o usuário, destacando seu papel social que pode auxiliar na transformação social.

Por esta razão, e por se tratar de uma das possibilidades mais exploradas no cotidiano, Pereira Neto (2006), diz que a internet, por trás da aparente facilidade da interação, esconde-se uma ferramenta complexa, que necessita de uma longa aprendizagem que muitos desconhecem. Não apenas no plano técnico, mas também intelectual. Ultrapassadas as dificuldades técnicas, outra se apresenta: a necessidade de encontrar e analisar os dados que se procuram. É importante que no meio de tanta informação solta na web, o usuário saiba selecionar os dados que lhe interessam hierarquizá-los e colocá-los num contexto significativo.

O processo de busca da informação por meio de suportes digitais exige uma triagem e síntese da informação obtida, sob pena de “um amplificador de saber-fazer e de inteligência” mais que acaba se tornando um instrumento de “malevolência e idiotice” PEREIRA NETO (2006, p.98).

Neste sentido, para dominarem as novas tecnologias de informação, os alunos de Biblioteconomia terão necessidade de ter um maior competências referentes a análise e de síntese. A adaptação às essas novas ferramentas irá contribuir na sua vida futura.

Acredita-se que uma das formas de viabilizar um trabalho assim, só será possível com o manuseio correto e intencional da tecnologia, pois a partir dessas, pode-se trabalhar um saber que promove o desenvolvimento das aprendizagens sociais de forma precisa e significativa.

Nesse sentido, dar-se-á uma ênfase para a importância da inclusão digital na educação e na formação dos alunos de Biblioteconomia, mostrando como esse processo pode contribuir para a mudança de paradigmas na educação, que passa de um modelo instrucionista para construcionista, em que o aluno é o construtor do seu próprio conhecimento.

Acredita-se que os bibliotecários como cidadãos e profissionais também devem atuar nessa área, ajudando da melhor forma possível contribuir para incluir digitalmente pessoas, criando estratégias de projetos e outras ações para conscientizar as pessoas e diminuir a exclusão digital. É interessante também que o ensino de Biblioteconomia seja atualizado, levando-se em consideração as novas tecnologias. De acordo com esta linha de pensamento, a grade curricular do curso de Biblioteconomia pode ir além das atividades técnicas como a catalogação, a classificação, a indexação, entre outras. É preciso que o bibliotecário se preocupe também com a inclusão digital, com a qualidade de vida das pessoas.

Segundo Cardoso (2010), acredita-se que os bibliotecários que atuam em bibliotecas escolares, públicas, ONGS são os que possuem um maior potencial para trabalhar com a inclusão digital, pois convivem com crianças e jovens que serão os futuros agentes multiplicadores das idéias e dos ideais que eles possam vir a assimilar durante o aprendizado.

Dentro desse contexto, é relevante discutir a contribuição do bibliotecário para a inclusão digital, ressaltando a sua importância como agente educador. Diante disso, o objetivo geral desta pesquisa é analisar determinadas disciplinas da estrutura curricular do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) que auxiliam o bibliotecário a trabalhar com a inclusão digital. Ainda para alcançar esse objetivo, considera-se necessário:

- apresentar conceitos de inclusão digital;
- delimitar as disciplinas relacionadas às tecnologias;
- discutir o perfil do Bibliotecário, levando-se em consideração suas habilidades e competências necessárias para atuar como agente educador.

Cabe esclarecer que a escolha do tema justifica-se pelo despertar da inclusão digital e o interesse em difundi-la. Em segundo lugar, pela importância de unir a Biblioteconomia e a inclusão digital de maneira que as duas sejam trabalhadas de forma interdisciplinar.

Em relação à metodologia para subsidiar o referencial teórico, foram realizadas pesquisas bibliográficas e eletrônicas, com a finalidade de obter embasamento teórico-metodológico para o desenvolvimento concreto da pesquisa e a formalização do trabalho monográfico.

Mediante ao curto tempo para conclusão da pesquisa, optou-se por não utilizar a técnica de entrevista. Portanto, com o intuito de ampliar os conhecimentos sobre o campo pesquisado foi feita a análise de algumas disciplinas da Grade curricular de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Dessa forma, a monografia está estruturada do seguinte modo: no primeiro capítulo é a introdução do trabalho. No segundo capítulo são apresentadas conceituações teóricas das (TIC's), da internet e seu uso para ensino, aprendizagem e conhecimento. No terceiro capítulo, foi discutida a questão da inclusão digital, abordando um pouco do cenário brasileiro e as contribuições da inclusão digital na vida das pessoas. No quarto capítulo foi feita uma abordagem a cerca do bibliotecário e as redes e como este profissional auxilia na busca da informação. No quinto capítulo, considera-se a relação do currículo do curso de biblioteconomia com a inclusão digital, fazendo uma análise das disciplinas escolhidas como estudo de caso. Neste capítulo também são apresentados os resultados da pesquisa e análise. No sexto capítulo é apresentada a conclusão e no último capítulo as referências do trabalho.

2 TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC's)

Hoje, as TIC's que vem transformando o contexto social, reestruturando o modo como pensar, adquirir conhecimentos e no relacionamento entre os indivíduos. Logo, exercem grande influência na vida de todos, sendo importante ressaltar que tais influências podem ser tanto positivas como negativas.

Nesse contexto, Kensky (2007) diz que “a evolução social do homem confunde-se com as tecnologias desenvolvidas e empregadas em cada época”, isto é, a tecnologia caminha junto com o ser humano, ela altera comportamentos, idéias e até o uso que é feito estes aparatos tecnológicos; sendo importante refletir como essas tecnologias afeta os indivíduos.

Porém, o que se pode perceber é que o acesso a essas tecnologias não é democrático, além disso, uma parcela da população não possui conhecimento necessário para o seu domínio, produzindo uma sensação de ansiedade e de impotência diante de uma determinada situação.

Kensky (2007) diz que existe uma intrínseca relação “entre conhecimento, poder e tecnologia”, isto é, quem não detém o conhecimento fica separado da tecnologia e conseqüentemente do poder, pois segundo Franco (2008), “conhecer características da linguagem digital pode ser decisivo para participar ativamente da sociedade globalizada”.

Se antes ter o domínio da leitura e da escrita era fundamental para atuar de maneira consciente na sociedade, hoje, na sociedade da informação, dominar as tecnologias é imprescindível.

De acordo com Silveira (2001, p. 3) a não apropriação das novas tecnologias tende a ampliar a desigualdade social, já que:

A exclusão digital impede que se reduza a exclusão social, uma vez que as principais atividades econômicas, governamentais e boa parte da produção cultural da sociedade vão migrando para a rede, sendo praticadas e divulgadas por meio da comunicação informacional. Estar fora da rede é ficar fora dos principais fluxos de informação. Desconhecer seus procedimentos básicos é amargar a nova ignorância.

Ao questionar a relação das TIC's com a atual sociedade, é possível perceber que ao mesmo tempo em que os avanços tecnológicos servem para dinamizar e

beneficiar a vida das pessoas, eles também servem para potencializar guerras, domínio, fome, desemprego.

De acordo com Kensky (2007), “tecnologia é poder.”; logo a tecnologia tem tanto o poder de promover a ascensão da inclusão como da exclusão.

Dessa forma, no contexto da sociedade da informação, exige-se a adoção de novas condutas diante das tecnologias, sendo necessário possuir conhecimentos variados para a apropriação das mesmas; no qual o indivíduo que não atende a esses requisitos acaba sendo excluído, amargado numa nova ignorância que é da cultura digital.

Diante disso, Franco (2008, p. 27) diz que:

O mundo das novas tecnologias da informação e comunicação não se apresenta aos seus usuários docilmente como se fosse um éden de facilidades e de libertação do ser humano das tarefas repetitivas e rotineiras. Ele faz parte de um mundo que deve ser conquistado por ações lógicas, educativas e políticas. No fundo, a sociedade da informação é um espaço de lutas simbólicas e discursivas. Sua apropriação se dá por esforços organizados, intencionalmente construídos em planejamentos estratégicos sofisticados.

Esse mundo das novas tecnologias faz com que as informações cheguem rapidamente, ampliando a possibilidade de interação e comunicação, porém esses meios tecnológicos são utilizados para beneficiar apenas uma parcela da população, isto é, as TIC's muitas vezes, são empregadas para reproduzir a cultura dominante, dificultando uma reflexão crítica e fazendo destes usuários meros reprodutores do sistema e aqueles que não conseguem acompanhar o ritmo acabam sendo marginalizado do processo, sendo, portanto, excluídos. (MORAES; SOUSA, 200?, p. 4)

Diante disso, observa-se que as TIC's servem a um grupo em especial, que detém o poder em relação aos demais. Todavia é importante dizer, que as tecnologias estão a serviço da sociedade e elas podem ajudar e facilitar a comunicação de todos. Segundo Freire (1987) cabe a escola promover a inclusão digital de modo que o processo de ensino-aprendizagem seja, construída através do diálogo, da reflexão, isto é, que os alunos compreendam a quem esses meios tecnológicos servem e qual sua finalidade.

Conforme Moraes e Sousa (200?) as TIC'S podem propagar a cultura hegemônica dominante, promovendo a exclusão de determinados grupos sociais;

não podemos deixar de salientar que tais tecnologias também podem promover um grandioso processo inclusivo; sendo importante ressaltarmos que quem define se as TIC's vão promover a inclusão ou a exclusão são os próprios usuários de tais tecnologias, assim como toda a sociedade.

Ainda de acordo com Moraes e Sousa (200?) é necessário que a escola se aproprie de tais tecnologias com a finalidade de promover a inclusão de seus alunos, inserindo-os na nossa sociedade que se encontra cada vez mais digitalizada e multifacetada. Logo, não basta ensinar aos jovens e adultos manusear os aparelhos digitais, é necessário fazer com que esses alunos possam ser atuantes na construção de seus saberes, podendo desta forma, transformar sua realidade.

Neste contexto, um elemento imprescindível, que impulsionou, marcou e alterou este cenário é a internet, que será abordada abaixo.

2.1 O USO DA INTERNET

Indissociável ao processo de inclusão digital, o uso da internet é fundamental e cresce exponencialmente, as possibilidades de interação que influenciam a maneira com que as pessoas acessam, recuperam e utilizam a informação.

Segundo Vaz (2004) a rede instala padrões de comunicação diferentes daqueles usados tradicionalmente, adicionando novas formas de comunicação. A relação de comunicação dos meios tradicionais (como TV e rádio) baseia-se em um padrão comunicacional de um (produtor) para muitos (receptores); a internet estabelece uma relação de muitos para muitos, ou seja, receptores são também produtores de informação. Isso ocorre devido à rede possibilitar que qualquer indivíduo produza informações e as dissemine.

Essa possibilidade dota a Internet de uma capacidade antes impensada: a produção de informações não depende de alguns filtros. Ao contrário, concede a cada um a possibilidade de produzir informação e de ser, ele próprio, o filtro pelo qual a mesma pode ser acessada (ABE, 2009, p. 21).

A abundância de informação pode ser percebida como um inconveniente para um indivíduo perdido em meio à ausência de organização da internet e incapaz de encontrar o que procura. Porém, para o indivíduo familiarizado com a rede, que já tenha identificado os sites mais interessantes, que tenha discutido com amigos sobre as informações que lhe interessam, que tenha se conectado a diferentes

conferências eletrônicas e que possua domínio de técnicas de pesquisa, a rede é percebida como progresso (LÉVY, 2000, p. 210).

Podemos dizer ainda que de acordo com Marcondes (1997), a internet pode ser um poderoso instrumento para os bibliotecários, por ampliar significativamente o alcance do seu trabalho, no sentido de aproximar o mundo para seus usuários.

Neste contexto, pode-se observar que o bibliotecário pode ajudar na indicação de sites de qualidade, pois nem tudo disponível on-line é de total confiança. Ele deve orientar o usuário nessa busca, da mesma forma como realiza o serviço de referência de sua biblioteca. Com isso cumpre com a sua missão que é garantir a informação ao seu usuário para que ele possa utilizar no seu processo de aprendizagem, valorizando, por conseguinte, seu prazer em construir seu auto-processo de aprendizagem (MORO; SOUTO; ESTABEL, 200?)

Porém, é importante que este acesso não seja apenas como forma de lazer, mas também como forma de busca de informações e de conhecimento.

Este avanço das TIC's tem muito a oferecer à Biblioteconomia. Sendo a internet um recurso global, ela pode ser útil não só para os bibliotecários, mas também aos alunos de graduação na busca de conhecimento, troca de informação e aprendizagem.

Diante dos avanços tecnológicos, a Universidade Federal do Rio Grande do Norte tem impulsionado o ensino, facilitado a pesquisa e apoiado às atividades de prestação de serviços à comunidade por meio de provimentos e incentivos à informatização.

O que se observa é que a rede oferece um leque muito maior de atividades possíveis, voltadas ao profissional Bibliotecário tanto no ensino, pesquisa e assistência do que as conhecidas, ou mais utilizadas, por esses alunos. O papel da Universidade, portanto, é fazer com que o aluno se familiarize com essas novas tecnologias.

Portanto, constata-se que as TIC's ao influenciar e alterar o processo de comunicação, ensino e aprendizagem, exige profissionais aptos para utilizá-la como ferramenta auxiliando sua prática profissional, bem como no seu cotidiano. Neste sentido, adentrar-se-á no contexto da inclusão digital, no capítulo a seguir.

3 INCLUSÃO DIGITAL

As tecnologias da informação e comunicação ainda não chegaram à grande parte da população mundial. Enquanto parte da sociedade encontra-se envolta em um complexo de redes digitais de alta capacidade, outra parte não possui acesso.

A evolução frenética da tecnologia, com enfoque maior na área dos computadores, vem se falando cada vez mais em inclusão digital (SILVA, 2010, p.5).

Qual o significado deste termo? Para que serve? Isto diminuirá ou aumentará o índice de pessoas excluídas do avanço tecnológico?

Primeiramente, é bom esclarecer que a inclusão digital está intimamente ligada à inclusão social, pelo fato poder promover uma democratização do acesso à informação disponibilizando tecnologia à população. Silva, Palhares e Rosa (2005) ressaltam que o principal objetivo não é disponibilizar a tecnologia em si, mas sim a integração perfeita do indivíduo excluído digitalmente na sociedade.

Diante do exposto, quando se terá um resultado para reverter à situação do analfabetismo digital? Simples. A exclusão digital acabará quando o usuário aprender que o computador é um meio de acesso à educação, ao trabalho, ao contato e troca com a sua comunidade, ao pensamento crítico e ao exercício pleno de sua cidadania (VASCONCELOS, 2010, p. 7).

Para a inclusão do individuo no processo de inclusão digital não basta ter apenas um computador e acesso a rede. É necessário que o usuário utilize as ferramentas computacionais para a integração na sociedade.

As tecnologias oferecem um conjunto de ferramentas da web sem precedentes, para promover cidadania à população como um todo, numa relação de custo/benefício nunca antes obtido bem como pode acentuar desigualdades e exclusões existentes. No entanto, Cruz (2010) diz que o que se tem ocorrido de fato é um distanciamento entre uma camada incluída digitalmente e outra menos favorecida economicamente, excluída do acesso à informação virtual.

Isso significa que o cidadão que não tem acesso à rede mundial de computadores e não domina a linguagem computacional é alguém que está excluído digitalmente, por opção individual de não se manter conectado ou por questões de ordem econômica, de dificuldade de acessibilidade, de ordem técnica ou geográfica (CRUZ, 2010, p. 7).

O conceito de inclusão digital está relacionado com a disseminação da informação e do conhecimento. Segundo Suaiden (2003), ela ocorre quando se tem o que ele denomina “mediadores de informação”, que primeiro trabalham o conceito de “alfabetização da informação”, para que se possa utilizar o computador, acessar a internet e retirar informações, conceitos e conteúdos que empreendam melhoria no processo de ensino-aprendizagem.

A inclusão digital implica em algo maior que apertar teclas, reconhecer telas e utilizar programas com respostas prontas. Mas também, ensinar como melhorar os quadros sociais, utilizando-se dos recursos que um computador oferece permitindo a melhoria de vida, a qualificação profissional entre outros benefícios que a tecnologia traz.

Paralelamente a estas inovações tecnológicas, todas as demais áreas das ciências têm se desenvolvido, seja na medicina, na astronomia, na engenharia, na biblioteconomia entre outros, a presença destas inovações reflete diretamente em nossas vidas.

Como escreveu o professor Manuel Castells, da Universidade da Califórnia, Berkeley, em seu livro *A Galáxia da Internet*:

[...] Desenvolvimento sem a Internet seria o equivalente a industrialização sem eletricidade na era industrial. É por isso, que a declaração freqüentemente ouvida sobre a necessidade de se começar com “os problemas reais do Terceiro Mundo” — designando com isso: saúde, educação, água, eletricidade e assim por diante antes de chegar a Internet, revela uma profunda incompreensão das questões atuais relativas ao desenvolvimento. Porque, sem uma economia e um sistema de administração baseados na Internet, qualquer país tem pouca chance de gerar os recursos necessários para cobrir suas necessidades de desenvolvimento, num terreno sustentável — sustentável em termos econômicos, sociais, ambientais e tecnológicos. (CASTELLS, 2001, p. 269).

Soares e Alves (20-?) relatam que a inclusão digital tem como princípio democratizar o acesso às tecnologias e usufruir desse suporte para melhorar as condições de vida, inserindo todos nesta nova sociedade, a qual o computador é a ferramenta essencial, não somente por ter mudado a vida das pessoas, mas por ter alterado a forma como a sociedade se organiza e se comunica, estabelecendo relações entre si e com o conhecimento.

Como bem fundamenta Castells (2007, p. 268):

“O conhecimento e a informação parecem, sem dúvida, constituir as principais fontes de produtividade e de crescimento nas sociedades

avançadas” e capacitar pessoas para que possam produzir conhecimento e saber buscar e utilizar as informações de forma correta torna-se um desafio à sociedade”.

Assim, ao mesmo tempo em que as tecnologias promovem a democratização do acesso à informação, exigem de seus usuários habilidades e conhecimentos para lidar com a informação disponibilizada. Somado a isso, os custos envolvidos na aquisição de equipamentos e a conectividade à internet podem levar ao surgimento de um fosso digital (ALMEIDA, 2010, p. 3)

No meio de toda esta revolução tecnológica, é indispensável que as instituições educacionais enfrentem o desafio não apenas de incorporar as novas tecnologias, mas também, utilizando como um desenvolvimento de uma reflexão ampla sobre o conhecimento e os usos tecnológicos. Sendo assim, mesmo sabendo que o computador não é um professor e não o substitui em nenhuma de suas tarefas, a utilização destes recursos tecnológicos, tem mostrado sua eficácia como ferramenta auxiliar no processo ensino- aprendizagem.

3.1 INCLUSÃO DIGITAL E O PROCESSO DE APRENDIZAGEM

O processo de inclusão digital contribuem para o enriquecimento do ensino e aprendizagem dos usuários que nunca fizeram uso das novas tecnologias e também para os que tiveram contato, permitindo uma aplicabilidade para um aprendizado motivador .

A nova educação em rede, “apresenta inúmeras potencialidades para que os usuários tornem pessoas autônomas, questionadoras e criativas, capazes de realizar pesquisas, construir conhecimentos e promover avanços científicos” em uma sociedade marcada pela velocidade das mudanças tecnológicas (MUSTARO, 2004, p. 2).

Segundo Mercado (19-?) as novas tecnologias, por si só, não são veículos para a aquisição de conhecimento, capacidades e atitudes, mas precisam estar integradas em potentes ambientes de ensino-aprendizagem, situações que permitam ao usuário os processos e aprendizagem necessários para atingir os objetivos educacionais desejados.

Pois, o computador se constitui em uma importante ferramenta desde que os mediadores do processo de ensino aprendizagem, saibam utilizá-lo de forma efetiva.

Para tanto, faz-se necessário que estes tenham desenvolvido competências e habilidades em sua formação inicial e contínua.

O que existe, então, é uma preocupação com a distribuição de tecnologias, mas sabe-se que a riqueza dessa sociedade vem da qualidade de conteúdos armazenados a ser recuperado de forma estratégica, o que depende de maior nível de capacitação. Porém, essa inteligência não está sendo formada. Existem apenas programas que são ensaios e não uma direção coerente dada à Sociedade da Informação. É nesse sentido que assume importância o processo de inclusão digital (CÂMARA, 2005, p. 7).

A inclusão digital deve favorecer a apropriação da tecnologia de forma consciente, que torne o indivíduo capaz de decidir quando, como e para que utilizá-la.

Segundo Soares e Alves (20-?) para que a inclusão digital seja eficiente, não basta fornecer apenas subsídios para a aquisição de equipamentos e softwares. Deve-se investir na capacitação de profissionais para que eles saibam utilizar beneficentemente os recursos digitais, aprendendo, assimilando e propagando conhecimento, compartilhando informações.

É de suma importância que haja um preparo e uma capacitação do futuro profissional da informação para que eles possam ser um mediador da informação e atender as necessidades de seus usuários.

3.1.1 Contribuições da inclusão digital na qualidade de vida das pessoas

As tecnologias de informação e comunicação, em especial a internet, possibilitam a inserção das pessoas no mundo virtual potencializando a interatividade e o acesso à informação, o que amplia as oportunidades de se incluir na sociedade. Dessa forma, a pessoa ao se incluir digitalmente, confere um novo significado à sua vida, indo além das facilidades oferecidas, ou seja, contribuem para a qualidade de vida da pessoa.

Como refere Litto (1996), o crescimento da autoestima e a apropriação de uma nova habilidade tecnológica apresentam reciprocidade na vida do ser humano, a inclusão digital contribui para a capacitação das pessoas na utilização de recursos informáticos (Word, PowerPoint, Excel, WWW/Internet), auxiliando na sua integração com o mercado de trabalho, na atualização da linguagem e na comunicação com o mundo.

A inclusão digital pode ser encarada como um dos fatores impulsionadores de uma maior aproximação e comunicação com outras pessoas, principalmente pelo reconhecimento do potencial dele para a aprendizagem da tecnologia e de uma nova linguagem, até então concebidas como prerrogativas dos mais jovens. Promover a interação social dos excluídos com os incluídos numa dinâmica intergeracional em que há uma permuta de aprendizagens e saberes, é um fator fundamental para quebrar o padrão civilizacional que as sociedades contemporâneas descrevem (PEQUENO, 2010, p. 26).

Segundo Pequeno (2010) promove-se a autoestima, facultam-se novas ferramentas aos mais excluídos e o resultado é uma geração que acumulou conhecimento e experiências ao longo de uma vida a sentir-se participante e parte integrante numa sociedade que devido aos seus avanços tecnológicos tendencialmente lhes começa a escapar.

Ainda segundo Pequeno (2010) é preciso criar, oferecer espaços (escolas, universidades, unidades de informação, programas sociais, entre outros) para que os excluídos vivam experiências em ambientes permeados pela orientação e a criatividade, onde possam perceber-se e serem percebidos como seres produtivos intelectualmente. Incluídos numa sociedade que também é a deles.

“(...) as TIC são instrumentos para a construção de outros conhecimentos pelo aluno, descobrir-se e desvelar-se com uma nova possibilidade de ser” (KACHAR, 2003, p. 18).

Sob essa visão, é necessário que o governo brasileiro perceba a necessidade de se realizar projetos de inclusão digital para as pessoas que não têm acesso as novas tecnologias de informação e comunicação.

Segundo Pequeno (2010), a inclusão digital contribui para a qualidade de vida das pessoas excluídas. Pretende-se superar a exclusão digital, a desigualdade de acesso às tecnologias digitais e promover a criação de políticas sociais, ou uma vez já criadas assegurarem que são de fato implementadas, operacionalizadas e que efetivamente contribuam para a expansão do acesso e a utilização das novas tecnologias junto da pessoa excluída. A partir da aquisição dos conhecimentos da internet por pessoas excluídas, observa-se a comunicação, a aprendizagem e a troca de conhecimentos entre diferentes indivíduos e, conseqüentemente, afasta-se

o processo de exclusão social para estas pessoas. Portanto, a valorização dos usuários incluídos no que concerne às suas experiências adquiridas ao longo da vida, em especial pela possibilidade de interação que os ambientes de educação permanente na web proporcionam, despertando-o quanto ao seu valioso papel na sociedade em que está inserido, aspecto fundamental para a qualidade de vida da pessoa excluída.

Assim, Kachar (2003) conclui ainda que a tecnologia da informação é a representação da era da modernidade e o excluído, ao “adentrar” nesse meio, vence apenas mais um dos elementos de exclusão, em termos sociais.

3.2 CENÁRIO BRASILEIRO

Dentro dessa perspectiva o cenário brasileiro vem buscando desenvolver diversos projetos, visando à inclusão digital como parte da visão da sociedade inclusiva de maneira que ela produza e dissemine conhecimento.

A inserção do Brasil na sociedade da informação teve início em 1998, nas discussões entre o Conselho de Ciência e Tecnologia (CCT) e o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) que geraram o Programa Sociedade da Informação, contemplando objetivos que perpassavam por áreas que vão da educação às relações internacionais. O papel do governo do Brasil, naquela fase inicial, foi o de prover infraestrutura de informação com velocidade alta, aplicações avançadas, promover experimentos nas áreas das TIC's e qualidade de serviços (BRASIL, 2000, p.5).

Sob essa visão, a inserção dos cidadãos brasileiros na nova era da informação passou a ser uma obrigação dos poderes públicos. A inserção do Brasil nesse novo contexto de inclusão foi regulamentada pela oficialização do Programa Sociedade da Informação por meio do Decreto 3.294 de 15 de dezembro de 1999, cuja sua finalidade substantiva é: “[...] alcançar os alicerces de um projeto estratégico, de amplitude nacional, para integrar e coordenar o desenvolvimento e a utilização de serviços avançados de computação, comunicação e informação e de suas aplicações na sociedade” (BRASIL, 2000, p.5).

Em um país onde cada vez mais o conhecimento e o saber são fundamentais para a sobrevivência, é notável aos quatro cantos do Brasil a necessidade de se fazer à inclusão digital para aqueles indivíduos que não têm acesso às tecnologias

de informação e comunicação ou simplesmente TIC's, como são mais comumente conhecidas.

Pode-se observar que, nos últimos anos, tem sido apregoada aos quatro cantos do Brasil a necessidade de se fazer à inclusão digital para indivíduos que não têm acesso as Novas Tecnologias de Informação.

Visando a inserção do Brasil na Sociedade da Informação, é lançado oficialmente em dezembro de 2000 o Livro Verde, elaborado pelo Ministério de Ciência e Tecnologia (MCT). Ele apresenta uma espécie de plano diretor, com análises e diretrizes para a implantação de ações objetivando o desenvolvimento social com inclusão digital.

Segundo, TAKAHASHI (2000, p. 5) o livro verde e o MCT reconhecem que:

“O conhecimento tornou-se, hoje mais do que no passado, um dos principais fatores de superação de desigualdades, de agregação de valor, criação de emprego qualificado e de propagação do bem-estar. A nova situação tem reflexos no sistema econômico e político. A soberania e a autonomia dos países passam mundialmente por uma nova leitura, e sua manutenção - que é essencial - depende nitidamente do conhecimento, da educação e do desenvolvimento científico e tecnológico”.

Ele também acredita que:

“Na era da Internet, o Governo deve promover a universalização do acesso e o uso crescente dos meios eletrônicos de informação para gerar uma administração eficiente e transparente em todos os níveis. A criação e manutenção de serviços eqüitativos e universais de atendimento ao cidadão contam entre as iniciativas prioritárias da ação pública. Ao mesmo tempo, cabe ao sistema político promover políticas de inclusão social, para que o salto tecnológico tenha paralelo quantitativo e qualitativo nas dimensões humana ética e econômica. A chamada “alfabetização digital” é elemento-chave nesse quadro políticas de inclusão social, para que o salto tecnológico tenha paralelo quantitativo e qualitativo nas dimensões humana ética e econômica. A chamada “alfabetização digital” é elemento-chave nesse quadro”.

De acordo com Schwarzelmüller (200?), o Livro Verde admite que para alcançar a inclusão digital da maioria da população brasileira é necessária uma política de universalização do acesso à Internet. Assim, proliferam iniciativas que visam alfabetização digital e acesso às TIC, particularmente ao computador e à Internet. A inclusão digital que vem sendo praticada, hoje no país, tem abordado, em

sua maioria, apenas a necessidade de fazer com que o cidadão aprenda a usar as tecnologias com o objetivo de inseri-lo no mercado de trabalho. E como acesso não significa apenas conexão física e acesso ao hardware, ou melhor, não é o acesso à tecnologia que promoverá a inclusão, mas sim a forma como essa tecnologia vai atender às necessidades da sociedade e comunidades locais, com uma apropriação crítica, pois o papel mais importante do processo de inclusão digital deve ser a sua utilidade social.

O que se pode perceber é que os programas de inclusão digital deveriam se preocupar em oferecer atividades contextualizadas às características dos grupos sociais envolvidos, de modo que a utilização da tecnologia seja feita de maneira conexa ao modo de vida desses grupos e às suas necessidades, e que promovam a troca e a socialização de experiências entre indivíduos e grupos, mediadas pela tecnologia.

No Brasil, há inúmeros projetos de Inclusão Digital que trabalham com os mais diferentes públicos (pessoas carentes, portadores de deficiências, estudantes do ensino básico e médio, desempregados, etc.) a partir de esforços dos mais diferentes setores. Os mais importantes vêm do primeiro e terceiro setores (CARMELLO, 2006, p. 5).

O governo está cada vez mais investindo em serviços online, visando facilitar a vida do cidadão e agilizar seus próprios processos. Já existem diversos sites brasileiros com o intuito de diminuir a burocracia estatal.

Porém, de nada adianta tê-las se menos de 20% dos brasileiros acessam a Internet. Esta é uma das grandes razões pelas quais o governo vem investindo tanto em programas de inclusão digital. Outra é o fato de que, ao dominar as novas tecnologias da informação e da comunicação, aumentam sensivelmente as chances da população obter melhores empregos, diminuindo, conseqüentemente, os gastos públicos em educação, saúde, etc. (SILVEIRA, 2001, p. 32).

Segundo, Medeiros Neto (2010), nos últimos cinco anos, tanto no Brasil quanto em outros países em desenvolvimento, é possível verificar a mobilização das organizações não governamentais (ONGs), dos agentes do mercado, e notadamente o governo. Como resultado, verifica-se a implantação de projetos e programas de inclusão digital, e a formulação de políticas educacionais e ações de inclusão digital em todas as suas esferas.

Hoje, vários projetos são implantados e em desenvolvimento que visam promover o acesso às tecnologias de informação e comunicação, TIC's. Dentre eles, o CDI é um exemplo bem-sucedido de ONG brasileira, sem fins lucrativos, que nasceu no Rio de Janeiro em 1995, idealizado pelo professor de informática Rodrigo Baggio, tendo como missão promover a inclusão social de populações menos favorecidas, utilizando as tecnologias da informação e comunicação como um instrumento para a construção e o exercício da cidadania. Seu principal produto do CDI são as escolas de Informática e Cidadania (EICs), que são criadas em parceria com entidades comunitárias com o objetivo de integrar os membros das comunidades de baixa renda.

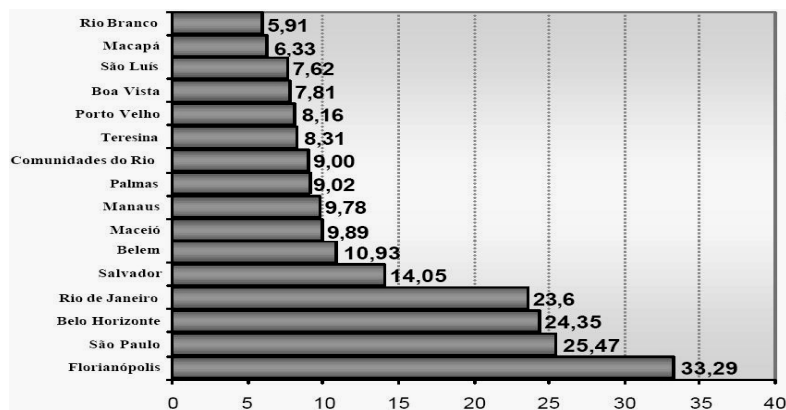
Portanto, através do acesso e apropriação das TIC's, a comunidade utiliza-os nas EICs de uma forma cidadã, lutando por melhoria de vida e transformando sua realidade individual e coletiva (PORTUGAL et al, [20-?], p. 89).

O CDI oferece a milhões de indivíduos a oportunidade de romper barreiras sociais e sonhar com o futuro melhor, já que informação e conhecimento são as moedas de troca mais valorizadas atualmente em todo o mundo. O IBICT foi criado com o propósito de registrar e disseminar a produção científica brasileira. Com o surgimento das TIC's combinado com o movimento do acesso livre à informação, verifica-se a existência de um cenário amplamente favorável ao instituto para o cumprimento de sua missão inicial.

Pode-se observar que com a contribuição desses projetos de inclusão e com uma grande aceitação deles, a situação do Brasil ainda não é a das melhores no que diz respeito à inclusão digital.

A inclusão digital ainda é uma realidade distante para o nosso país, muito ainda tem que ser feito para que esse objetivo seja alcançado. Isso pode ser verificado de acordo com Simões (200?) no gráfico abaixo em que demonstra a porcentagem de computadores no total de domicílios das comunidades de baixa renda em algumas cidades brasileiras.

Gráfico 1: Comparação entre as percentagens de computadores no total de domicílios das comunidades de baixa renda de algumas capitais



Fonte: http://www.aedb.br/seget/artigos07/1299_1299_Artigo_PC_para_Todos.pdf

De acordo com o gráfico 1, verifica-se que o número de computadores se concentra na região sul e sudeste. Vários fatores devem ser levados em conta para que a inclusão digital se dê de forma plena e satisfatória.

Pelo que foi exposto, pode-se constatar que não existe inclusão digital sem inclusão social. Não é suficiente ensinar a usar o computador, dar computadores aos menos favorecidos, ao pai de família que está desempregado e que não tem condições de dar aos seus filhos se quer o pão de cada dia. É preciso, primeiramente, fazer-se a inclusão social, através da redistribuição de renda, da criação de uma sociedade mais justa. Só a partir daí, é possível pensar na inclusão digital.

4 O BIBLIOTECÁRIO NA REDE

A definição da função do bibliotecário, sempre esteve atrelada a biblioteca em sua forma “física”. Assim, os bibliotecários tinham sua imagem associada aos edifícios de bibliotecas, servindo a sociedade apenas para adquirir, organizar, e preservar coleções. Com a explosão documentária na década de 80, juntamente com o advento da internet (rede das redes), na década de 90, o profissional bibliotecário começou a se preocupar com o futuro de sua profissão. A tecnologia da informática surge como grande auxílio ao bibliotecário em suas atividades, mas exige mudanças na função e no perfil do profissional da informação (TITÃO; VIAPIANA, 2008, p. 30).

Através das novas tecnologias e do fluxo das informações, começam a dar um novo rumo à profissão, fazendo-se necessário um profissional especializado para a mediação da informação.

É natural que com o advento da era virtual, digital e a automação de acervos impressos, houvesse certa insegurança quanto ao futuro do profissional bibliotecário, pois faltava uma certa visão futura das aplicações de nossa profissão nesse novo momento que se enunciava (TITÃO; VIAPIANA, 2008, p. 31).

Vergueiro (1997) diz que a “realidade de uma informação eletrônica onipresente, imagina-se que cada cidadão será seu próprio profissional de informação” o que dispensaria o auxílio de um bibliotecário. O que ocorreu foi justamente o contrário. O profissional da informação tem cada vez mais oportunidade de ser um multiplicador de suas funções, tendo em vista as várias direções que podem ser seguidas, quando nos referimos à tratamento e disseminação de informação.

De acordo com Tião e Viapiana (2008) o papel do bibliotecário será o de facilitador do acesso à informação, tornando-se um profissional multidisciplinar, em condições cada vez maiores de estar a frente ao mercado tão promissor que é o mercado da informação.

Segundo Rocha e Araújo (2007) o perfil profissional do bibliotecário tem mudado rapidamente no atual contexto da Sociedade da Informação. Para atuar no mercado de trabalho, este profissional da informação deve ter habilidade de solucionar problemas, de aprender a aprender, de aprender independentemente, de aprender ao longo de toda sua vida, de questionar, de desenvolver pensamento

lógico, ou seja, deve ser competente em informação. Dessa forma deve-se insistir que esses profissionais prestem atenção a estas características do perfil profissional emergente e procurem desenvolver ações de educação continuada.

O simples controlador da aquisição, da preservação e armazenamento de informações passa a exercer a função de colaborador com o computador e cientistas de informação, auxiliando a manutenção de sistemas automatizados de acesso a informação, destacando suas habilidades de ensinar, consultar e pesquisar (TITÃO; VIAPIANA, 2008, p.32).

Viana (1998) afirma que o “bibliotecário será um dos responsáveis por unir as pessoas e colocar à disposição delas recursos de comunicação, informação e produção de conhecimento”. Será o gerenciador do mundo virtual e digital, reunindo todas as suas habilidades do moderno profissional da informação.

Entretanto, com o advento da era digital cabe ao novo bibliotecário se adaptar as novas mudanças, buscando novos conhecimentos. Caso o profissional não acompanhe as mudanças acaba perdendo seu espaço na sociedade da informação. O novo profissional da informação tem um papel importante porque cabe a ele da área da biblioteconomia refinar as informações e passar para os usuários as informações que melhor lhe interessam nessa sociedade da informação.

4.1 COMO O BIBLIOTECÁRIO AUXILIA A BUSCA DA INFORMAÇÃO

Para Alves e Mendes (1998) o bibliotecário tem exercido o papel de intermediário, apenas indicando as fontes de informação sem emitir julgamento de valor acerca dessas fontes. Com o surgimento da internet, as pessoas “inundadas” por uma “avalanche” de informações, querem saber como encontrá-las de modo que essas possam ser significativas às suas experiências e úteis em suas formações.

A Internet representa um potencial de informação no qual o usuário ainda não sabe bem como explorá-la. Como citado por Pinheiro et al (2008), é necessária a orientação de um profissional que saiba reduzir as buscas aquelas que sejam pertinentes, na internet, para se obter as informações desejadas; mais do que isso, o profissional deverá acompanhar os estudantes em seu processo de busca, prevendo que o próprio planejamento, discutido minuciosamente, possa ser modificado.

O bibliotecário deve capacitar os usuários a se tornarem independentes e indicar como formular uma estratégia de busca para obter a informação que pesquisa com eficiência e eficácia nos sistemas de informação automatizados.

Como disse Alves e Mendes (1998), ninguém melhor do que o bibliotecário, com conhecimentos das fontes e estratégias de busca, para explorar a imensa biblioteca que é a internet, também denominada de biblioteca inteligente para orientar o seu usuário.

Ao "novo" Bibliotecário caberá a tarefa de conhecer as novas tecnologias para que possa usá-las como ferramentas úteis na execução de tarefas historicamente executadas nas bibliotecas tradicionais, quais sejam: seleção, organização e avaliação de informações disponíveis, independentes do seu suporte.

Segundo Alves e Mendes (1998) o advento das novas tecnologias de informação trouxe a possibilidade de acesso remoto aos recursos de informações disponíveis nas bibliotecas. Isto é possível tanto para o usuário local, presencial, quanto para o usuário remoto da comunidade ao qual a biblioteca e ou centro de informação está vinculada. A rigor, qualquer serviço oferecido ao usuário local pode ser oferecido ao usuário remoto.

Carpinteiro (2004) a função do bibliotecário no novo paradigma é de estimular a competência dos usuários no acesso, na avaliação e no uso das informações disponíveis, como também, ajudá-los a definir a origem e o núcleo

conceitual do conhecimento, com o intuito de que a nova informação seja significativa às suas necessidades.

Henn (2010) no âmbito da recuperação e na busca da informação, o bibliotecário como profissional da informação, deve analisar minuciosamente a questão, identificando seus conceitos e suas relações, para traduzi-la em um enunciado de busca apropriado à linguagem de acesso ao acervo de informações. Depois, são escolhidos os vários caminhos possíveis para o acesso às fontes específicas para responder a questão apresentada.

Pode-se concluir que a busca de informação com a ajuda do bibliotecário por sua vez possui um papel importante na recuperação da informação, de acordo com as necessidades dos usuários. O bibliotecário deve investigar os desejos e as necessidades de informação do usuário, realizando estratégias de busca, para que a informação seja encontrada.

O termo "informação significativa" se origina da teoria de Ausubel (1980), onde ele demonstra que uma informação só é significativa se estiver vinculada às experiências do sujeito e se este possui alguns conhecimentos a prior em relação a essa.

Assim, os profissionais bibliotecários devem incentivar a habilidade de avaliar e utilizar as informações. Esta nova visão de biblioteconomia estimula os usuários a identificar os problemas, avaliar e acessar as informações pertinentes, criando soluções e criticando alguns enfoques. Essas habilidades tornam-se importantes na sociedade contemporânea devido à necessidade de formação de homens autônomos (ALVES; MENDES, 1998, p. 5)

Portanto, o bibliotecário além de indicar as fontes tradicionais, orientará na formulação da pergunta, com o objetivo de delimitar o conteúdo a ser pesquisado e as fontes a serem consultadas.

4.1.1 Competências e habilidades do bibliotecário

O novo perfil do bibliotecário exige cada vez mais competências e habilidades do profissional, já que seu objetivo principal é trabalhar com informações, identificando-as, compartilhando-as e fazendo uso eficiente das tecnologias de informação.

Segundo a Diretriz Curricular Nacional do curso de Biblioteconomia (2001) a formação do bibliotecário supõe o desenvolvimento de determinadas competências e habilidades e o domínio dos conteúdos da Biblioteconomia. Além de preparados para enfrentar com proficiência e criatividade os problemas de sua prática profissional, produzir e difundir conhecimentos, refletir criticamente sobre a realidade que os envolve buscar aprimoramento contínuo e observar padrões éticos de conduta, os egressos dos referidos cursos deverão ser capazes de atuar junto a instituições e serviços que demandem intervenções de natureza e alcance variados: bibliotecas, centros de documentação ou informação, centros culturais, serviços ou redes de informação, órgãos de gestão do patrimônio cultural etc.

As exigências do cenário atual proporcionaram à Biblioteconomia a possibilidade de aprofundar e ressaltar alguns aspectos inerentes à área. Foram ampliados os locais e as formas de sua atuação devido à natureza de seu objeto de estudo, a informação, sempre crescente e em constante mutação.

As habilidades estão associadas ao saber fazer: ação física ou mental que indica a capacidade adquirida. Para Martins (2008) as competências são um conjunto de habilidades harmonicamente desenvolvidas e que caracterizam, por exemplo, uma função/profissão específica: ser arquiteto, médico ou professor de química. As habilidades devem ser desenvolvidas na busca das competências.

Damásio (2001) fala que todos os profissionais necessitam de habilidades e competências distintas para sua atuação, que são iniciadas nos cursos de graduação e conduzidas a terem melhor aproveitamento e uso durante a atuação profissional. As habilidades e competências são trabalhadas de diversas formas, visando principalmente destinar aos profissionais, atualizações e novas linhas de oportunidades de atuação no mercado de trabalho.

Muitas habilidades são conseguidas durante o aprimoramento profissional, dentro de áreas distintas que os profissionais atuam. Listá-las na Biblioteconomia seria praticamente impossível, pelo motivo do bibliotecário ser um profissional apto a gerenciar informação em diversas organizações, podendo também atuar em cargos e funções diferenciadas, que também exigem habilidades e competências diferenciadas (LISOT, 2011).

Neste contexto, o projeto político pedagógico do curso de Biblioteconomia da UFRN (2007), cita as típicas competências e habilidades dos Bibliotecários em seu nível de formação:

- Compreender as diferentes concepções filosóficas sobre o conhecimento.
- Entender e interagir no ambiente sócio – político e econômico em que está inserido.
 - Reconhecer a importância da política, social, econômica e cultural da informação.
 - Criar, desenvolver, utilizar as técnicas de coleta, de tratamento, da recuperação e da disseminação da informação.
 - Integrar os diferentes grupos profissionais.
 - Ter capacidade para desenvolver atitudes proativas.
 - Desenvolver ações pedagógicas e de pesquisa.
 - Desenvolver e executar atividades culturais e programas de leitura.
 - Desenvolver habilidades inerentes do profissional autônomo.
 - Refletir criticamente sobre ética e prática profissional.
 - Gerenciar unidades, recursos, serviços e sistemas de documentação e informação.
 - Preservar e conservar o patrimônio documental de pessoas e instituições.
 - Gerar produtos a partir dos conhecimentos adquiridos e divulgá-los.
 - Formular e executar políticas institucionais.
 - Elaborar, coordenar, executar e avaliar planos, programas e projetos.
 - Utilizar racionalmente os recursos disponíveis.
 - Desenvolver e utilizar novas tecnologias.
 - Traduzir as necessidades de indivíduos, de grupos e de comunidades nas respectivas áreas de atuação.
 - Desenvolver atividades profissionais autônomas, de modo a orientar, dirigir, assessorar, prestar consultoria, realizar perícias e emitir laudos técnicos e pareceres.
 - Responder a demandas sociais de informação produzidas pelas transformações tecnológicas que caracterizam o mundo contemporâneo.
 - Interagir e agregar valor dos processos de geração, de transferência e de uso da informação, em todo e qualquer ambiente.
 - Criticar, investigar, propor, planejar, executar e avaliar recursos e produtos de informação.
 - Trabalhar com fontes de informação de qualquer natureza;

- Processar a informação registrada em diferentes tipos de suportes, mediante a aplicação de conhecimentos teóricos e práticos de coleta, de processamento, de armazenamento e de difusão da informação.

Realizar pesquisas relativas a produtos, processamentos, transferências e usos da informação.

Conforme Hoffman (2004) as competências e habilidades que, em conjunto com as atitudes desejáveis tais como criatividade, cooperação, participação, atuação interdisciplinar, capacidade de análise, sensibilidade para o valor da informação como vantagem competitiva, senso crítico, comprometimento com os objetivos organizacionais, ousadia e liderança permitirão ao bibliotecário ter uma atuação em consonância com as expectativas do perfil competente.

Pode-se perceber que para uma unidade de informação ter uma qualidade da prestação de serviço, é fundamental que o bibliotecário tenha uma diversidade de habilidades e competências fundamentais para a excelência no desempenho das atividades.

5 ANÁLISE DA ESTRUTURA CURRICULAR DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA DA UFRN E A INCLUSÃO DIGITAL

Com base no que foi exposto sobre TICs, Inclusão Digital e o papel do bibliotecário nesse cenário, para alcançar os objetivos propostos, tais como: analisar as disciplinas da estrutura curricular do curso de Biblioteconomia da UFRN para a formação de um bibliotecário apto a trabalhar com a inclusão digital e, especificamente, apresentar os conceitos de inclusão digital, delimitar as disciplinas relacionadas às tecnologias e discutir o perfil desse profissional, adotou-se como procedimento metodológico, uma pesquisa bibliográfica que abrange a leitura, análise e a interpretação de livros, artigos etc. Assim, todo material recolhido foi submetido a uma triagem, a partir da qual foi possível estabelecer um plano de leitura, acompanhado de anotações e fichamentos que serviram como fundamentação teórica do estudo.

Também, foi realizada uma análise documental como um método de recolha e de verificação de dados das informações obtidas através da ementa do curso de Biblioteconomia da UFRN que se converge para a formação de alunos com uma visão técnico-científica, para fazer frente aos desafios próprios da área com competência. A seguir, caracteriza-se o curso de Biblioteconomia da UFRN.

5.1 O CURSO DE BIBLIOTECONOMIA DA UFRN

Como consta no projeto político pedagógico do curso de 2007, o departamento de Biblioteconomia (DEBIBI) foi criado em 1992 para estruturar o processo de criação do curso de graduação em Biblioteconomia, com assessoria de docentes da Universidade de Brasília (UNB), do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), e da equipe da Pró Reitoria de Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e seu funcionamento pleno deu-se a partir de 1997.

O curso de Biblioteconomia da UFRN tem a missão de graduar bacharéis em Biblioteconomia para atuar no mercado de trabalho com uma visão ampliada e objetiva da sociedade. Administrar e disseminar informações, usando avançados métodos e técnicas.

Nesse sentido, pode-se observar que o principal objetivo do curso é formar profissionais com competências e habilidades para solucionar questões relacionadas

à seleção, à coleta, à organização, ao tratamento, à disseminação e ao acesso da informação e do conhecimento produzido, em diferentes meios e suportes, bem como aptos a gerenciar os fluxos e estoques, de forma a eliminar os excessos de informação. Este objetivo é operacionalizado pela expressiva articulação entre ensino, pesquisa e extensão, visando à formação de profissionais flexíveis, aptos a dialogar com a sociedade, tendo em vista as rápidas transformações sociais, tecnológicas e no mundo do trabalho.

Para que se possa abordar a questão dos estudos curriculares em Biblioteconomia da UFRN, é necessário compreender o currículo no qual se compreende a relação de matérias (descritas por ementas), cujos conteúdos constituirão o núcleo da formação do profissional almejado. Assim, na tabela 1 apresentam-se as disciplinas obrigatórias e complementares que compõem o curso.

Tabela 1: Projeto pedagógico do curso de Biblioteconomia do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS
Metodologia da Pesquisa em Biblioteconomia I
Fundamentos em Biblioteconomia e Ciência da Informação
História do Livro e das Bibliotecas
Registro do Conhecimento
Estudo do Usuário em Unidade de Informação
Editoração
Análise da Informação
Introdução ao Tratamento Temático da Informação
Representação Temática I
Representação Temática II
Representação Temática III
Representação Descritiva I
Representação Descritiva II
Representação Descritiva III
Gestão de Unidades de Informação
Planejamento em Unidades de Informação
Formação e Desenvolvimento de Coleções
Gestão Documental
Marketing em Unidades de Informação
Serviço de Informação
Fontes de Informação I
Fontes de Informação II
Redes e Serviços de Informação I
Redes e Serviços de Informação II
Metodologia da Pesquisa em Biblioteconomia II
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
Estágio Supervisionado
Gestão de Pessoas
Organização e Processo
Teoria da Comunicação I
Cultura Brasileira
Sociologia I
Introdução à Informática
Softwares Aplicativos

Elementos de Estatística Aplicada a Biblioteconomia
História da Arte
História da Cultura
Lógica
Língua Inglesa IX
Prática de Leitura e Produção de Texto
DISCIPLINAS COMPLEMENTARES
Bibliotecas Brasileiras (e)
Tópicos Especiais em Biblioteconomia e Ciência da Informação (e)
Preservação e Conservação de Documentos Impressos e Digitais (e)
Gestão da Informação para o Empreendedorismo (e)
Biblioteconomia e Sociedade Brasileira (e)
Gestão de Pessoas em Serviços de Informação (e)
Biblioteca Escolar e Formação de Leitor (e)
Segurança da Informação (e)

Fonte: Projeto pedagógico do curso de Biblioteconomia do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2007).

A tabela 1 apresenta as 49 disciplinas que compõem o curso de Biblioteconomia e pode-se observar que versam sobre aspectos de planejamento e gestão de sistemas de informação, novas tecnologias, diferentes ambiências para atuação profissional, diversidade de suportes e materiais informacionais e aspectos socioculturais.

O Projeto Político Pedagógico de Licenciatura em Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (2009) explica que a estrutura curricular tem em vista também preparar o aluno para, ao longo do curso, desenvolver senso crítico e investigativo, que lhe favorecerá em sua vida profissional. O que se pretende é capacitar o aluno a perceber nos pequenos ou grandes entraves, nos bons e maus funcionamentos das unidades de informação, nas lacunas ou demandas aparentemente não atendidas, dentre outros, o campo de exame e aplicação dos conhecimentos aprendidos nos componentes curriculares do curso e que podem originar novos serviços, sugestões de melhoria, apresentação de novos aspectos.

Desde a implantação do ensino de biblioteconomia da UFRN, ao longo dos anos nunca foi realizado uma análise das disciplinas que contribuem para o bibliotecário trabalhar com a inclusão digital.

Um currículo de formação deve primar por atualidade e qualidade que agregam conhecimentos e experiências para a formação do aluno, estimulando-o à prática de estudos independentes, à interdisciplinaridade e ao reconhecimento da importância da permanente atualização profissional, inclusive aquelas fora da universidade.

Assim, privilegiam-se os estudos que possam ampliar as relações ou aplicações do conhecimento de Biblioteconomia com outras áreas do conhecimento, num estímulo interdisciplinar que realizem elos entre o conhecimento e as necessidades sociais (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DO CURSO DE LICENCIATURA DE BIBLIOTECONOMIA, 2009, p. 34).

Pode-se perceber que a Biblioteconomia é, antes de tudo, uma ciência, que estabelece constantemente o confronto entre o ideal e o racional. Como Ciência, ela se transforma e essa transformação se manifesta nos modos de oferecimento de seus serviços e produtos.

Segundo o Projeto Político pedagógico da UNIRIO (2010) não se pode ignorar que as novas tecnologias de informação e comunicação, especialmente o acesso remoto e as mudanças na estrutura econômica mundial trouxeram novas expectativas e papéis para a informação. Tais mudanças ampliaram o leque de possibilidades de atuação do bibliotecário, já que suas habilidades passam a ser aplicáveis além dos muros das bibliotecas, de forma que exigem novas compreensões em seu uso mais amplo.

Neste cenário, a demanda por competência informacional do bibliotecário implica não só em sua capacitação no manejo e disponibilização de uma variedade de recursos informacionais para as comunidades nas quais esteja inserido, mas de agir no sentido de tornar também informacionalmente competentes os integrantes destas comunidades (PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO BIBLIOTECONOMIA UNIRIO, 2010, p. 34).

Segundo Menou e Mchonbo (2004) comentam que os bibliotecários devem se preocupar mais com as pessoas do que com os livros e que, apesar de desejarem ser socialmente úteis, são muito tímidos para concretizar esse desejo em uma ação concreta.

Baptista (2006) diz que mesmo assim, poucos abnegados procuram atender às populações carentes. Nesse atendimento, o bibliotecário exerce papéis não convencionais na área da educação com programas de inclusão digital, leitura, atividades culturais e outras.

Abaixo, apresentam-se as disciplinas relacionadas às TIC's e segue com a análise das disciplinas delimitadas que podem contribuir para a formação de um profissional apto a promover a inclusão digital.

5.2 DISCIPLINAS RELACIONADAS ÀS TIC'S

Toma-se por entendimento que as disciplinas relacionadas às novas tecnologias abordadas nesta pesquisa, referem-se às disciplinas que permitem a familiarização e manuseio de ferramentas computacionais aliadas às NTIC's (novas tecnologias de informação e comunicação). Tais disciplinas estão elencadas a seguir:

- Introdução a informática
- Software aplicativos
- Redes e Serviços de informação
- Sistemas de informação

Estas são disciplinas as quais imediatamente se tem contato com as novas tecnologias e que possuem como recurso, objeto de estudo e treinamento às ferramentas computacionais e internet. Ressalta-se que outras disciplinas fazem uso das tecnologias e ferramentas computacionais, mas não as tem como objeto de estudo.

5.3 DISCIPLINAS ANALISADAS

Segundo Tarapanoff (2002) o profissional da informação, para desempenhar seu papel de animador da inteligência coletiva, deve ser um mediador da informação. O que constatamos na atualidade é que a inclusão digital está presente na agenda do governo, da iniciativa privada e da sociedade civil. Ela não pode ser reduzida à disponibilização de equipamentos e conteúdos. É necessário que o profissional da informação atue como um mediador entre o mundo digital e a capacidade real de entendimento do receptor da informação, garantindo a efetiva comunicação e a satisfação da necessidade informacional do usuário dessa tecnologia.

Se tratando dessa abordagem, foram analisadas as disciplinas:

- Introdução à informática;
- Teoria da comunicação I;
- Sociologia;
- História da cultura;

- Estudo dos usuários;
- Software e aplicativos;
- Redes e Serviços de informação;
- Biblioteca escolar e formação do leitor;

A seguir, na tabela 2, encontram-se as disciplinas e ementas.

Tabela 2: Ementa das disciplinas analisadas do curso de Biblioteconomia da UFRN

Disciplina	Ementa
Introdução a informática	O computador, sistemas operacionais, outros softwares básicos, software de suporte e aplicativos, de suporte e aplicativos que estejam sendo mais utilizados no mercado e disponíveis na UFRN.
Teoria da comunicação I	Estudo sistemático da comunicação. Processo Conceituação. Contribuição interdisciplinar para a constituição de uma Teoria da Comunicação
Sociologia	A sociologia como ciência. Observações históricas: objeto de estudo e método da sociologia; os grandes enfoques sociológicos gerais. Modo de produção, formação social e classes sociais. Ideologia e Estado.
História da cultura	Concepção de cultura e sua relação com a História. Construção cultural em diferentes realidades sociais. Análise e interpretação de discursos em produções textuais, iconográficas e artísticas.
Estudo dos usuários em uma unidade de informação	Estudo de usuários: evolução histórica, objetivos e metodologias usadas na caracterização de usuários de informação. Usuários e não usuários da informação.
Software e aplicativos	Conceituação e aplicação prática dos seguintes tipos de aplicativos: processadores de texto, planilhas eletrônicas, sistemas gerenciadores de banco de dados, redes de computadores e serviços de geradores gráficos; caso haja interesse, estudo de um aplicativo específico (a ser ministrado por professor da área solicitante).
Biblioteca escolar e formação do leitor	Biblioteca escolar. Leitura – teorias e formação dos leitores. Valorização da leitura e a formação profissional. Desenvolvimento de acervo e projetos. Hemeroteca. Brinquedoteca.
Fontes de Informação I	Evolução, conceitos, tipologias e características das fontes de informação. Avaliação das necessidades de fontes de informação. Políticas de acesso e de uso da informação. Recursos estratégicos, técnicos e operacionais das fontes de informação. Identificação do fluxo da informação, e análise dos instrumentos de busca e acesso.
Serviços de Informação	A informação e a comunidade, serviços de referência e sua interação com os usuários. Centros referenciais.
Redes e Serviços de Informação I	Aplicação dos princípios teóricos de redes de comunicação às bibliotecas, serviços de informação e sistemas cooperativos.
Redes e Serviços de Informação II	Protocolo de comunicação, transferência de dados, interfaces e formatos de intercâmbio de informação.

Fonte: Projeto pedagógico do curso de Biblioteconomia do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2007).

As disciplinas analisadas foram agrupadas em três grupos, no que diz respeito à estrutura curricular do curso de Biblioteconomia da UFRN no tocante a promoção da inclusão digital.

Inicialmente, as disciplinas que oferecem um instrumental bem mais teórico, permitindo discussões e reflexões sobre o homem e seu relacionamento com o próximo, constituindo assim uma rede de relacionamento. Neste grupo pode-se incluir as disciplinas de “Sociologia, História da Cultura e Teoria da Comunicação”. Essas disciplinas apesar do seu aporte teórico, não instrui tecnicamente o uso de recursos que permitam a inclusão digital. Essas disciplinas permitem apenas, ao trato com o indivíduo, aos aspectos sociais e culturais.

Prosseguindo, se tem um segundo grupo de disciplinas que funcionam como uma espécie de intermediária entre a teoria e a prática. Estas disciplinas oferecem tanto a parte instrumental teórico como prático que, de certa forma, contribui, para o processo de inclusão digital, uma vez que promovem através da prática um melhor entendimento do perfil do usuário e de fontes de informação.

Neste grupo estariam disciplinas com “Estudo do Usuário, Serviço de Informação I e Biblioteca Escolar e Formação do Leitor”. Elas são importantes, pois podem capacitar o profissional a coletar informações sobre as comunidades, as fontes de informação, sobretudo as disponíveis em meio eletrônico, ideais para responder às necessidades de informação de cada indivíduo e, qual o papel de uma unidade de informação e quais estratégias pode ser adotado para promover a leitura, assim como poderia ser para promover a inclusão digital.

Finalmente, num possível terceiro grupo encontram-se às disciplinas com caráter mais específico na área de tecnologia da informação, ou seja, disciplinas que, por excelência, se ocupam diretamente em fornecer instrumental mais prático e teórico da informática, bem como dos programas, bases de dados, softwares e estratégias de busca na internet. Neste grupo estariam disciplinas como “Serviço de Informação, Introdução a Informática, Software e Aplicativos, Redes e Serviços de Informação I e II”. Pode-se e deve-se enfatizar que o bibliotecário tem que estar familiarizado com as novas tecnologias e seja treinado para manusear as ferramentas computacionais.

Seguindo essa linha de pensamento, Estabel e Moro (2006) comentam que o “bibliotecário educador deve encantar os alunos propiciando o diálogo, a interação, a

criatividade, o compartilhamento. O ambiente digital deve ser agradável, prazeroso, possibilitando que o aluno sinta-se capaz de produzir, de criar, de construir”.

É tarefa do profissional da informação fornecer informações, ou seja, orientar o usuário no uso dos suportes informacionais. Ser um incentivador do uso das novas tecnologias de informação e comunicação, propiciando através desses suportes a inclusão digital.

Segundo Síndico (20-?) não adianta disponibilizar a tecnologia nas bibliotecas sem que haja o comprometimento de ensinar como utilizar as tecnologias de informação e comunicação (TIC's).

Em razão disso, faz-se necessário um preparo especial na estruturação curricular para que a inclusão aconteça, permitindo aos alunos como futuros profissionais forneçam para a formação de pessoas excluídas, condições de igualdade social e o seu reconhecimento enquanto cidadãos.

É pensando nesse cenário que se acredita que o bibliotecário pode contribuir para que essas pessoas tenham acesso à informação, ao conhecimento e a tudo que um profissional bibliotecário possa lhe oferecer.

Dessa maneira, a situação apresentada permite repensar o currículo do curso de Biblioteconomia para que contemple em sua estrutura curricular a inclusão digital dentro dessas disciplinas já existentes.

Assim, o bibliotecário como profissional da informação poderá atender a todo usuário/ cliente que lhe solicitar qualquer tipo de informação. Ele não deve negar o mundo informacional a nenhum usuário e sim disponibilizar esse universo oferecendo-lhe condições para que esse se sinta parte da instituição e venha a ela sem constrangimento. Ao disponibilizar serviços de qualidade aos usuários/ clientes, o bibliotecário estará contribuindo para o crescimento social do indivíduo, conseqüentemente para o desenvolvimento da comunidade (MADRUGA, 2007, p. 115).

Por fim, como foi citado por Paula e Carvalho (2009) é oportuno ressaltar que a formação do bibliotecário se reflete em sua postura diante das transformações sociais e tecnológicas que se apresentam no seu desempenho profissional. Por isso, considera-se que a inclusão digital deve aparecer na sua formação.

6 CONCLUSÃO

A análise das disciplinas delimitadas revelou a necessidade e a importância de se aplicar melhor o ensino da inclusão digital no curso de Biblioteconomia. No entanto, tal aplicação só se efetua em função de fatores como: planos de inclusão digital; conhecimento do tema empregado em unidades de informação; disciplinas com tópico ou enfoque sobre o tema na formação do bibliotecário.

Após a análise das disciplinas delimitadas, os objetivos principais deste trabalho foram alcançados, pois através do contato com essas disciplinas o futuro profissional da informação pode contribuir no processo de inclusão digital, uma vez que promovam através da prática um melhor entendimento do perfil do usuário e de fontes de informação e assim atenda às necessidades informacionais de cada indivíduo.

O fato de restringir as disciplinas do curso de Biblioteconomia da UFRN, deixando de fora outras disciplinas do curso, representa uma limitação da pesquisa, uma vez que, de acordo com o tempo e o ponto de vista abordado, poderiam ser analisadas e se enquadrar no tema inclusão digital. Assim, sugere-se para pesquisas futuras aumentar o leque de disciplinas, aplicar outras técnicas metodológicas, tais como entrevistas e questionários.

Além disso, os conhecimentos produzidos representam como ponto inicial para uma futura realização de análise do trabalho dos bibliotecários auxiliado pelas ferramentas computacionais, visando detectar as principais dificuldades e facilidades que o usuário tem em encontrar a informação que necessita.

Percebe-se que através das disciplinas analisadas, trabalhadas em sala de aula, o professor permite desde discussões e reflexões sobre os aspectos sociais e culturais do indivíduo como também a familiarização do aluno com as novas tecnologias de informação, o que contribui para sua formação acadêmica profissional.

É importante frisar que inclusão digital não significa apenas ensinar a utilização da tecnologia ou disponibilizar o acesso à rede. Mais do que isso, é preciso haver um trabalho de identificação das demandas informacionais.

A produção de conteúdos deve ser vista como uma estratégia importante no processo de inclusão, e devem ser somados aos demais esforços, como formação e

capacitação de multiplicadores, criação de redes locais e comunidades virtuais, bem como integração com políticas públicas e ações sociais. Estes são os desafios que devem ser vencidos para a construção de uma sociedade humanista e democrática. Nesse processo, a educação tem um papel fundamental, talvez o principal, capaz de garantir uma existência democrática com igualdade social e inclusão digital (SANTOS, 20-?, p. 91).

Por isso, a utilização dos serviços da rede mundial de computadores pode representar atividades que priorizem a construção coletiva de conhecimentos de cada indivíduo que faz uso da mesma, como, por exemplo, a comunicação, a cooperação e a potencialização da mente e da capacidade humana.

REFERÊNCIAS

ABE, Veridiana. **A busca de informações na internet**: bibliotecários e estudantes de Ensino Médio de escolas particulares de Itajaí e Florianópolis. Florianópolis, 2009. Acesso em: < <http://pgcin.paginas.ufsc.br/files/2010/10/ABE-Veridiana.pdf>>. Acesso em 3 de dez. 2011.

ALMEIDA, Robson Lopes. **Repositório de inclusão digital como recurso de inclusão social**. XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. Brasília, 2010. Disponível em: < <http://enancib.ibict.br/index.php/xi/enancibXI/paper/viewFile/502/300>>. Acesso em: 12 de out. 2011.

ALVES, Maria Bernadete Martins; MENDES, Elise Barbosa. **Um modelo de aprendizagem construtivista para busca de informações significativas em bibliotecas virtuais**. Santa Catarina, [199?]. Disponível em: < snbu.bvs.br/snbu2000/docs/pt/doc/t143.doc>. Acesso em 20 de ago. 2011.

AUSUBEL, D. **Psicologia Educacional**. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.

BAPTISTA, Sofia Galvão. **A inclusão digital**: programas governamentais e o profissional da informação: reflexões. *Inclusão Social*, Vol. 1, No 2, Brasília, 2006. Disponível em: < <http://revista.ibict.br/inclusao/index.php/inclusao/article/view/22/36>>. Acesso em: 10 de Nov. 2011.

BRASIL. Ministério da Ciência e Tecnologia. Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia. **Sociedade da informação no Brasil**: livro verde. Brasília: Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia, 2000.

CÂMARA, Mauro A. **Inclusão digital via telecentros**: um estudo de caso em Belo Horizonte. Comunicação e Cultura: Salvador, 2005.

CARAMELO, Érika Fernanda. **Inclusão digital made in Brazil**. UNESCO: Santa Catarina, 2006. Disponível em: < http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/d/d3/GT5-_CELACOM-_03-_Inclusao_digital-_Erika.pdf>. Acesso em: 02 de Set. 2011.

CARDOSO, Nathalice Bezerra. A contribuição do bibliotecário para a educação ambiental. **Perspect. ciênc. inf.** vol.15 no.2 Belo Horizonte May/Aug. 2010. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-99362010000200010&script=sci_arttext>. Acesso em: 05 de Nov. 2011.

CARPINTEIRO, Cristiane Neli de Carvalho. **A biblioteca Universitária como espaço de aprendizagem e de formação do aluno pesquisador**. Itajubá, 2004. Disponível em: < <http://adm-net-a.unifei.edu.br/phl/pdf/0030890.pdf>>. Acesso em: 30 de Nov. 2011.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.

_____. **A galáxia da internet**: Reflexões sobre Internet, Negócios e Sociedade. 2ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

CRUZ, Aracely Xavier da. **Inclusão digital**: a inserção das tecnologias informacionais nas escolas públicas da RMNatal. Natal, 2010.

DAMÁSIO, Edilson. **O profissional da informação na indústria: habilidades e competências**. Campinas, 2001. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/63674904/15/Habilidades-e-Competencias-do-Bibliotecario>>. Acesso em: 10 de out. 2011.

DIRETRIZES MEC para o curso de Biblioteconomia: reforma curricular, 2001. Disponível em: <<http://curriculouff.br.tripod.com/reformacurricular/id8.html>>. Acesso em: 02 de Nov. 2011.

ESTABEL, Lizandra Brasil; MORO, Eliane Lourdes da Silva. **Capacitação de bibliotecários com limitação visual pela educação a distância em ambientes virtuais de aprendizagem**. Rio Grande do Sul, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v35n3/v35n3a20.pdf>>. Acesso em 07 de set. 2011.

FRANCO, M.G. Inclusão Digital de Jovens e adultos não alfabetizados: um compromisso histórico, um Dever Ético. In: **Tecnologias para a educação inclusiva**. São Paulo: Avercamp, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HENN, Gustavo. **Apostila de auxiliar de biblioteca**: livro post. Disponível em: <<http://biblioteconomiaaparaconcursos.com/>>. Acesso em: 02 de Nov. 2011.

HOFFMAN, Sandra Gorete. **Biblioteca Universitária Informatizada: competências e habilidades do bibliotecário gestor**. Florianópolis, 2004. Disponível em: <<http://www.pergamum.udesc.br/dados-bu/000000/0000002C.pdf>>. Acesso em 28 de Set. 2011.

KACHAR, Vitória. **Terceira idade e informática**: aprender revelando potencialidades. São Paulo: Cortez, 2003.

KENSKY, V.M. **Educação e tecnologias**: O novo ritmo da informação. Campinas, SP: Papirus, 2007.

LÉVY, P. A revolução contemporânea em matéria de comunicação. In: **Para navegar no século XXI**: tecnologias do imaginário e cibercultura. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2000.

LISOT, Juliana. **Habilidades e competências do Bibliotecário**. Santa Catarina, 2011. Disponível em: <<http://julianalisot.blogspot.com/2011/09/habilidades-e-competencias-do.html>>. Acesso em: 13 dez. de 2011.

LITTO, F. **Repensando a educação em função de mudanças sociais e tecnológicas recentes**: informática em psicopedagogia. São Paulo: Senac, 1996.

MARTINS, Maria das Graças Teles. **Habilidades e competências**: componentes inseparáveis na ação profissional. 2008. Disponível em: <http://www.gracamartins.com.br/one_news.asp?IDNews=169>. Acesso em: 05 de set. 2011.

MEDEIROS NETO, Benedito. **Uso da tecnologia e acesso à informação pelos usuários do programa Gesac e de ações de inclusão digital do governo brasileiro**. Brasília, DF, v. 3, n. 2, p.81-96, jan./jun., 2010. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/inclusao/index.php/inclusao/article/view/121/161>>. Acesso em: 30 de set. 2011.

MENOU, M. J; MCHONBO, K. Os profissionais da informação em comunidades desfavorecidas. In: **Atuação profissional na área da informação**. São Paulo: Polis 2004.

MERCADO, Luís Paulo Leopoldo. **A internet como ambiente auxiliar do professor no processo ensino-aprendizagem**. UFAL, [19-?]. Disponível em: <<http://www.virtualeduca.info/encuentros/encuentros/valencia2002/actas2002/actas02/211.pdf>>. Acesso em: 02 de dez. 2011.

MORO, Eliane L. da Silva; SOUTO, Gabriela Pinheiro; ESTABEL, Lizandra Brasil. **A influência da internet nos hábitos de leitura do adolescente**. Rio Grande do Sul, [200?]. Disponível em: <<http://gebe.eci.ufmg.br/downloads/313.pdf>>. Acesso em: 30 de set. 2011.

MUSTARO, Pollyana Notargia. **Novas educações na sociedade em rede**. Estadão, 2004. Disponível em: <<http://www.serprofessoruniversitario.pro.br/m%C3%B3dulos/tecnologia-instrucional/novas-educa%C3%A7%C3%B5es-na-sociedade-em-rede>>. Acesso em: 05 de out. 2011.

PEQUENO, Maria Antônia Afonso. **Inclusão digital na terceira idade**. CPIHT, 2010. Disponível em: <<http://www.cpihts.com/PDF%2006/Maria%20Ant%C3%B3nia%20Pequeno.pdf>>. Acesso em: 12 de out. 2011.

PEREIRA NETO, Cidália de Lurdes. **O papel da internet no processo de construção do conhecimento**: uma perspectiva crítica com os alunos do 3º ciclo com a internet. Universidade de Minho, 2006. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6191/1/Tese.pdf>>. Acesso em 20 de Nov. 2011.

PINEIRO, Maria Inês da Silva et al. Informação virtual no processo da formação profissional. **Rev. Interam. Bibliot. Medellín (Colombia)** Vol. 31 No. 1 enero-junio de 2008. Disponível em: <<http://eprints.rclis.org/bitstream/10760/12329/1/ARTICULO5.pdf>>. Acesso em: 02 de Nov. 2011.

PORTUGAL et al. **A Rede CDI: Inclusão Digital para a Inclusão Social**. Brasília, [20-?]. Disponível em: <br-ie.org/pub/index.php/sbie/article/download/549/535>. Acesso em: 20 de ago. 2011.

PROJETO Político Pedagógico do Curso de Biblioteconomia do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

PROJETO Político Pedagógico do Curso de Licenciatura do curso de biblioteconomia. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola de Biblioteconomia: Rio de Janeiro, 2009. Disponível em:<
<http://www.unirio.br/cch/eb/licenciatura/Projeto-Pedagogico-do-Curso-de-Licenciatura-em-Biblioteconomia.pdf>>. Acesso em 04 de Nov. 2011.

PROJETO Político Pedagógico do curso de Bacharelado em Biblioteconomia. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em:<
<http://www.unirio.br/cch/eb/bacharelado/Projeto-Politico-Pedagogico-Bacharelado.pdf>>. Acesso em 03 de Nov. 2011.

SANTOS, Sergio Ribeiro dos. **Tecnologia da informação e democracia: como enfrentar a questão da info-exclusão**. UFPB, (2007). Disponível em:<
http://www.achegas.net/numero/32/sergio_santos_32.pdf>. Acesso em: 13 de dez. 2011.

ROCHA, Maria Meriane Vieira; ARAÚJO, Eliany Alvarenga de. Educação continuada de profissionais da informação: perfil da ação de bibliotecários de instituições de ensino superior privado no município de João Pessoa. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, Nova Série, São Paulo, v.3, n.2, p.89-99, jul-dez. 2007. Disponível em:<
rbbd.febab.org.br/index.php/rbbd/article/download/62/55>. Acesso em 22 de ago. 2011.

SCHWARZELMULLE, Anna F. **Inclusão digital: uma abordagem alternativa**. Bahia, [20-?]. Disponível em:
<http://www.cinform.ufba.br/vi_anais/docs/AnnaSchwarzelmuller.pdf>. Acesso em: 25 de out de 2011.

SILVA, Jhonathan Malinski da. **Inclusão digital: inclusion digital**. 2010. Disponível em: <
http://www.ice.edu.br/TNX/encontrocomputacao/artigos-internos/aluno_jhonathan_malinski_inclusao_digital.pdf>. Acesso em: 20 de out. 2011.

SILVEIRA, S. A. **Inclusão digital: a miséria na era da informação**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

SIMÕES, Bruno et al. **Um computador por aluno: estudos sobre programas governamentais de inclusão digital**, [20-?]. Disponível em:
<http://www.aedb.br/seget/artigos07/1299_1299_Artigo_PC_para_Todos.pdf>. Acesso em: 07 de out. 2011.

SÍNDICO, Sergio Ricardo Ferreira. **Inclusão digital é tema de trabalho apresentado no CBBB**. Instituto de comunicação e informação científica e tecnológica em saúde: Mato Grosso do Sul, [20-?]. Disponível em:
<<http://www.fiocruz.br/iciict/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=1545&sid=80>>. Acesso em: 27 de Nov. 2011.

SOARES, Cristiane da Silva; ALVES, Thays de Souza. **Sociedade da informação no Brasil: inclusão digital e a importância do profissional de TI**. Centro Universitário Carioca, [20-?]. Disponível em:

<<http://monografias.brasilecola.com/computacao/sociedade-informacao-no-brasil-inclusao-digital-a.htm>>. Acesso em: 02 de out. 2011.

SUAIDEN, E. **Inclusão Digital em debate na UnB**. Educar, Brasília, 2003.

TAKARASHI, T. (Org.). **Sociedade da Informação no Brasil**: livro verde. MCT, Brasília, 2000.

TARAPANOFF, Kira; SUAIDEN, Emir; OLIVEIRA, Cecília Leite. Funções sociais e oportunidades para profissionais da informação. **Data Grama Zero**, v. 3, n. 5, out. 2002. Disponível em: < http://www.dgz.org.br/out02/Art_04.htm>. Acesso em 09 de nov. 2011.

TITÃO; VIAPIANA. A importância da organização da informação no século XXI: **reflexões**, 2008. Disponível em:< <http://www.webartigos.com/artigos/a-importancia-da-organizacao-da-informacao-no-seculo-xxi-reflexoes/8244/>>. Acesso em> 30 de ago. 2011.

VASCONCELOS, Everton de Mendes. **Inclusão Digital em Comunidades**, 2010. <http://www.artigonal.com/tec-deinformacao-artigos/inclusao-digital-em-comunidades-carentes-2456215.html>. Acesso em: 15 de dez. 2011.

VAZ, P. Esperança e excesso. In: **Tramas da rede**: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas de comunicação. Porto Alegre: Sulina, 2004.

VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos. O futuro das bibliotecas e o desenvolvimento de coleções: perspectivas de atuação para uma realidade em efervescência. **Perspect. Ciênc. Inf.**, Belo Horizonte, v.2, n.1, p.93-107, jul./dez. 1997. Disponível em: < <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/viewFile/629/413>>. Acesso em 15 de Nov. 2011.

VIANA, Michelângelo Mazzardo Marques. **A Internet e o bibliotecário**: a adequação de habilidades profissionais frente aso novos serviços. Porto Alegre, RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998. Disponível em: < <http://www8.fgv.br/bibliodata/geral/docs/060704.pdf> >. Acesso em: 15 de setembro 2011.